

**ECONOMIA COMPARTILHADA E CONSUMO COLABORATIVO: UMA ANÁLISE
BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE 1978 a 2020**

LUCIANA SOARES DA SILVA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL INACIANA PE SABÓIA DE MEDEIROS (FEI)

Agradecimento à órgão de fomento:

A CAPES pelo apoio e incentivo a pesquisa

ECONOMIA COMPARTILHADA E CONSUMO COLABORATIVO: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DE 1978 a 2020

1. INTRODUÇÃO

As iniciativas no âmbito da economia compartilhada ou do consumo colaborativo podem ser entendidas como uma nova forma de usufruto e consumo populacional, a qual se relaciona aos conceitos de desenvolvimento sustentável e redução da ociosidade de bens e serviços em seu ciclo de vida útil (Frenken & Schor, 2017).

Martin (2016), por meio de seu artigo exploratório, defende que a economia compartilhada deve ser identificada com as seguintes características: oportunidade econômica; forma de consumo mais sustentável; caminho para uma economia descentralizada, equitativa e sustentável; criação de mercados não regulamentados; reforço do paradigma neoliberal e campo de inovação.

Para uma melhor compreensão do surgimento e desenvolvimento da economia compartilhada ou consumo colaborativo, faz-se necessário compreender as condições externas que levaram ao crescimento de um fenômeno mundial. Habibi, Davidson, & Laroche (2017) descrevem que o *boom* dessa economia ocorreu após o colapso financeiro de 2008 e esteve atrelado à necessidade de redução do custo de vida para a sociedade, à forma criativa de consumo e à partilha de bens ociosos, incentivando, assim, o surgimento de empresas que aderissem às ideias conceituais dessa nova forma econômica. Já, para Gansky (2010) embora as questões econômicas tivessem sido determinantes, surgia então um novo olhar das pessoas em relação ao valor dos bens e serviços.

A economia compartilhada/consumo colaborativo é caracterizada como recente e atrelada aos princípios de inovação disruptiva, visto que se utiliza das tecnologias e meios de comunicação disponíveis no desenvolvimento de iniciativas empresariais inovadoras (Fehrer et al., 2018; Kim, Baek, & Lee, 2018) e impactantes à sociedade. Nesse sentido, a nova economia para Belk (2014) é dependente da internet, principalmente da WEB 2.0, uma vez que esta facilitou o processo de compartilhamento dos bens e serviços, aumentando a possibilidade de acesso por mais pessoas, independentemente do espaço físico. O envolvimento social na troca ou compartilhamento, na visão de Davidson, Habibi e Laroche (2018), é caracterizado como inclusão de pessoas sem distinções e fortalecimento do vínculo social entre os envolvidos no processo.

Cohen e Muñoz (2016) defendem que o conceito de consumo colaborativo ou economia da partilha ou, ainda, economia compartilhada, refere-se ao aprimoramento das relações humanas na aquisição de bens ou serviços do capitalismo tradicional, em que se resguardava a posse e a compra individualizada, sem margens de empréstimos ou divisões com outras pessoas ou entidades. Do ponto de vista financeiro, Jiang e Tian (2016) e Davidson, Habibi e Laroche (2018) tratam a nova economia como uma resposta alternativa às recessões econômicas globais, bem como, à possível redução do poder de compra da sociedade e da conscientização sustentável do consumo.

Destaca-se que a importância da análise da produção científica originada de estudo bibliométricos e sistemáticos da literatura são utilizados para uma visão do ‘estado da arte’ do campo, em parte causados pelo interesse dos autores em relação aos aprofundamentos das iniciativas empresariais, ou ainda, pela existência de plataformas reais que já exercem as características de consumo colaborativo e economia compartilhada, no mundo factual.

Assim, o presente estudo busca contribuir com uma melhor compreensão de qual a interligação dos conceitos de economia compartilhada e consumo colaborativo, muitas vezes equiparados pelos autores em suas publicações mundiais, em uma análise aprofundada do

estado da arte e compreensão do tema, tal como foi proposto por Heinrichs (2013) ao incentivar o aprofundamento da análise de cenários e evolução dessa economia em âmbitos globais.

A presente pesquisa busca avançar os esforços bibliométricos anteriores uma vez que amplia a quantidade de artigos analisados, inclusive quanto ao período em que foram publicados, e por apresentar um esforço analítico de temas, subtemas, autores centrais e o diálogo entre eles a partir do *main path* análise.

Este trabalho encontra-se dividido em partes: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise dos resultados e a conclusão.

2. COMPREENDENDO A ECONOMIA COMPARTILHADA E O CONSUMO COLABORATIVO

A iniciativa empresarial da internet como intermediadora de negociações de compras e vendas iniciou-se em 1995 nos Estados Unidos, pelos sites eBay e Craigslist (Schor, 2014). Esse meio moderno de interação de usuários - quer sejam vendedores e/ou compradores - em um único ambiente negocial, permitiu atingir um maior número de interessados aos bens disponíveis, sem se preocupar com a localização física dos envolvidos ou mesmo impedi-los da possibilidade de negociação e intermediação das partes, ainda que baseados nos mecanismos e alicerces tradicionais de comercialização de bens e serviços.

Para Botsman e Rogers (2011), o sucesso do compartilhamento deu-se estruturalmente em três grandes frentes: colaboração, tecnologia e o desejo de que os produtos e serviços fossem mais eficientes, ultrapassando a simples forma capitalista de aquisição e consumo. Assim, esses ensejos fortaleceram as relações *on-line*, em um compartilhamento na forma *peer-to-peer* (P2P), ou seja, transações feitas de indivíduo para indivíduo, como já ocorria em 1995 por meio dos sites eBay e Craigslist (Schor, 2014).

O recente crescimento deste modelo de economia foi estimulado pela conectividade à Internet e a proliferação da computação móvel e *on-line* (Shirado, Iosifidis, Tassiulas, & Christakis, 2019). Deve-se incluir nesta forma de relacionamento tecnológica, a influência das redes sociais na atual sociedade, permitindo o anseio necessário a visualização e popularidade, como forma de integração e inserção as redes de contato e reputação.

Em uma economia de inovação disruptiva, uma vez que provoca uma ruptura nos padrões, modelos ou tecnologias já disponíveis no mercado (Belk, 2014; Kim et al., 2018; Martin, 2016), a possibilidade de utilização de inovações como mediadoras no relacionamento dos interesses individuais ou coletivos da sociedade permite mudanças nas formas de negócios em mercados e economias cada vez mais globalizados (Parente, Geleilate, & Rong, 2018).

O primeiro artigo sobre o tema com o vocábulo de consumo colaborativo, intitulado *Community structure and collaborative consumption – Routine activity approach*, de Marcus Felson e Joe L. Spaeth (1978), referencia o termo em uma visão voltada ao consumo de bens e serviços quando do conjunto de pessoas em laços familiares ou com características semelhantes. Os autores objetivaram a compreensão do esforço de engajamento para o cumprimento de atividades para outras pessoas e na busca da identificação se todas as atividades diárias permitem a colaboração de consumo, como é o caso de uma leitura de jornal que, em termos práticos, se destaca pela individualidade de cada leitor.

Assim, essa ascensão econômica que vivemos na atualidade está interligada ao surgimento do termo economia compartilhada nos Estados Unidos da América no ano de 2008, a partir do livro de Lawrence Lessig - *Remix: Making Art and Commerce Thrive in the Hybrid Economy*. O autor, que é professor de direito em Harvard e especialista em propriedade intelectual na internet, propõe a criação de uma economia híbrida, a qual compõe-se da economia comercial, em que a troca de bens pode ser tangível (dinheiro) ou intangível (amizade ou solidariedade) e da economia compartilhada regida pelo vínculo emocional entre as pessoas

que compartilham, não levando em consideração obrigatoriamente questões monetárias. Essa economia híbrida é exemplificada por empresas com fins lucrativos que usam *software* livre (economia de compartilhamento) para extrair um valor monetário (economia comercial), por meio de ações P2P – *peer-to-peer* (ponto a ponto) (Lessig, 2008).

A complexidade dessa nova forma de economia, seja ela compartilhada ou colaborativa encontra-se, fundamentalmente, no inter-relacionamento dos valores comerciais, ambientais, sociais e econômicos das atividades geradoras de bens e serviços (Acquier, Daudigeos, & Pinkse, 2017), podendo ser associado ao desenvolvimento de sentimentos pessoais de bondade (Belk, 2010), de liberdade, de autonomia e de qualidade de vida (Schor, 2014) dos usuários, dos funcionários parceiros e da sociedade em toda a sua amplitude.

Owyang e Samuel (2015) não vislumbram a necessidade de distinção das nomenclaturas, principalmente sobre os termos mais comuns, colaborativa e compartilhamento, destacando, assim, que ambas terminologias dispõem de uma economia em bases tecnológicas, disruptiva e moderna, permitindo aos usuários a divisão ou empréstimo de bens e serviços por meio de plataformas on-line, com ou sem ônus financeiro.

Logo, diante dos diversos conceitos apresentados por meio da leitura e análise do estado da arte pode-se dizer que se trata de uma modalidade econômica específica de transação que é realizada por meio de organizações que, em geral, adotam uma iniciativa empresarial que se utiliza da tecnologia e transações *on-line*, frequentemente na modalidade *peer-to-peer*, propiciando a sociedade o acesso a ativos subutilizados que atendem aos aspectos socioeconômicos, temporais e de conveniência, envolvendo a compensação financeira ou não financeira, seja na forma de trabalho ou empréstimo, troca, venda ou aluguel, motivo pelo qual as terminologias de consumo colaborativo e economia compartilhada confundem-se em suas conceituações.

3. METODOLOGIA

A análise bibliométrica representa uma das possíveis formas de avaliação do conhecimento, a qual tem como principal direcionador, o estudo quantitativo da produção sobre temas em expansão e em processo de descobertas científicas (Francisco, 2011). No entendimento de Motta e Iizuka (2018) o desenvolvimento e a realização fática de interesse de um grupo de estudiosos sobre um determinado assunto têm como alicerce não apenas o conhecimento científico, mas também o reconhecimento da sociedade sobre a importância da compreensão.

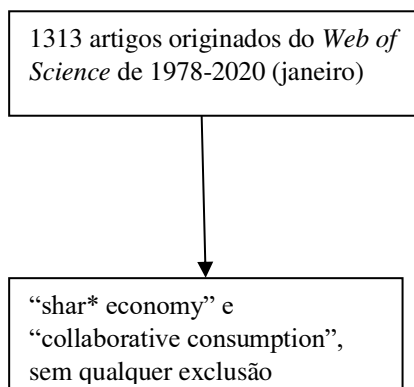
Metodologicamente, Patton (2015) defende que a análise de grandes quantidades de dados e informações na pesquisa qualitativa permite direcionar o pesquisador para o cumprimento de seus objetivos principal e secundário. Assim, para a realização da pesquisa e um melhor entendimento do ‘estado da arte’ do tema de economia compartilhada e consumo colaborativo, foram aprofundados 1.313 artigos originados do *Web of Science* buscados por tipos de documentos artigos e revisões em inglês, por meio das palavras-chave “*shar* economy*” e “*collaborative consumption*”, sem qualquer exclusão.

A pesquisa, sob a ótica quantitativa a partir da base extraída do *Web of Science*, possibilita o conhecimento do crescimento científico, ‘estado da arte’, e o destaque as tendências de publicações por parte dos autores e seus países, bem como outras análises necessárias ao aprofundamento do conhecimento (Figura 01).

Objetivando a interligação dos dados bibliométricos do campo, utilizou-se o *software* computacional R com a extensão *bibliometrix*, permitindo a utilização de técnicas estatísticas para a análise da presente proposta com o quantitativo escolhido de documentos originados do *Web of Science* (Aria & Cuccurullo, 2017).

Para a análise sistemática e a cocitação de autores, optou-se pela utilização dos *softwares* Vosviewer e Pajek, os quais identificam matematicamente a interligação dos dados teóricos e das redes de relacionamentos.

Figura 01 – Processo de seleção bibliométrico



Fonte: Autoria Própria.

A evolução para as análises dos resultados, permitem verificar as descobertas diante de toda a análise dos dados, mencionados na metodologia e atingir o objetivo de compreensão do campo, o qual encontra-se em expansão mundial, inclusive pelo aumento de artigos publicados.

4. RESULTADOS

4.1. Main Path

O Main Path é nomeado de trilha de caminho que, com base no estudo de rede de citações, possibilita a identificação dos principais influenciadores do campo, em uma evolução intelectual científico. O *software* Pajek 5.0.1 elabora um caminho principal e apropriado para a compreensão do desenrolar de novos campos de estudo (Nooy, Mrvar, & Batagelj, 2018), não necessariamente interligados à quantidade de citações por artigo (Liu & Lu, 2012), como é o caso da economia compartilhada e consumo colaborativo.

A figura 02, representada por dezenove artigos de rotas principais interligados pelas linhas, apresenta, na ponta da seta, a indicação da direção de influência no caminho de composição de *clusters* do fluxo teórico (Silva, Ablanedo-Rosas, & Rossetto, 2019). Cumpre lembrar que Liu, Lu e Ho (2019) destacam que uma rede de caminhos principais é a união de todas as cadeias de citações. O quadro 01 destaca-se pela leitura aprofundada dos autores em ordem de aparição do caminho que são considerados estruturais para o campo, permitindo, conforme detalhamento a seguir, a separação em *clusters* conceituais:

Introdução conceitual: Trata-se do esforço inicial dos autores na compreensão do campo e das características que influenciam o crescimento dessa nova economia, destacando-se pela análise da existência de taxa ou outra compensação para a aquisição e distribuição de recursos, atividades possíveis de compartilhamento, o comportamento dos participantes ou, ainda, a tecnologia envolvida.

Teoria comportamental/senso de consumo: Refere-se ao envolvimento das pessoas e da sociedade no processo de compartilhamento. A análise da relação dos proprietários com os bens e serviços disponibilizados permite um olhar sobre a reciprocidade.

Teoria empresarial/iniciativas empresariais: A análise das iniciativas já consagrados na economia compartilhadas/consumo colaborativo permite aos autores discussões como o

aprofundamento de conceitos de acesso a essa nova forma econômica, plataformas disponíveis e presença de trocas monetárias por bens e serviços.

Avanço da teoria: Nesta etapa inicia-se os questionamentos e contestações em relação às teorias já compreendidas sobre o novo campo. Os autores questionam, ademais, a necessidade de regulamentação governamental, bem como o impacto social e econômico resultante de sua utilização.

Teoria da confiança tecnológica: O autor destacado para a teoria discute sobre as tecnologias utilizadas nessa nova economia e a sua possível evolução, como é o caso do blockchain.

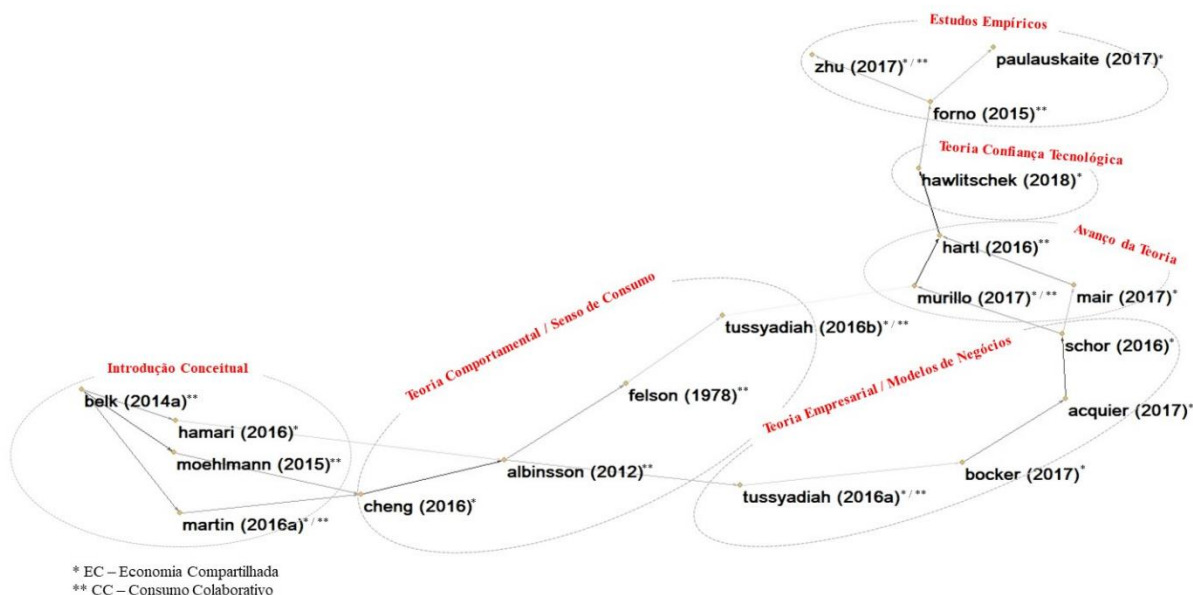
Estudos empíricos: O relacionamento entre a teoria e estudos reais permite uma nova visão da aplicação dos conceitos e descobertas de economia compartilhadas/consumo colaborativo, demonstrando a evolução do campo.

A figura 02 apresenta a nomenclatura conceitual utilizada por cada autor, ou seja, economia compartilhada, consumo colaborativo ou ambos, o que permite concretizar que o nome do fenômeno não se caracteriza como causa determinante para conclusões distintas sobre a conceituação dessa nova forma econômica.

Os resultados ajudam a identificar as principais tendências que influenciaram a academia, durante o período de 1978 a 2020 - janeiro, sugerindo inclusive fluxos futuros de pesquisa baseados sobre lacunas emergentes identificadas por meio de redes sociais e análises bibliométricas.

Seis dos 19 *journals* do caminho principal, ou seja, 31%, são pertencentes ao campo de turismo/hospitalidade. Cabe ressaltar que o Airbnb é destacado como um dos modelos de negócio de economia compartilhada mais utilizado, concretizado e sólido.

Figura 02 - O caminho principal - Main Path



Fonte: Autorial Própria.

Quadro 01 – Análise autores do caminho principal - *Main Path*

Título	Contribuição	Autores
<i>You are what you can access: Sharing and collaborative consumption on-line</i>	Consumo colaborativo são pessoas coordenando a aquisição e a distribuição de um recurso por uma taxa ou outra compensação. Destacam-se dois pontos em comum no compartilhamento e colaboração: 1) o uso de acesso temporário, sem propriedade, de modelos de utilização de bens e serviços de consumo e 2) sua dependência da Internet.	(Belk, 2014)
<i>The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism?</i>	O artigo avalia 18 atividades de compartilhamento, identificando que a economia compartilhada é uma oportunidade econômica sustentável, descentralizada, equitativa, inovativa e que cria mercados não regulamentados.	(Martin, 2016)
<i>Collaborative consumption: determinants of satisfaction and the likelihood of using a sharing economy option again</i>	Conceitualmente referenciado a Belk, (2010) o autor busca compreender o comportamento dos participantes no compartilhamento, seja por: aluguel, empréstimo, negociação, troca e troca de mercadorias, serviços, soluções de transporte, espaço ou dinheiro.	(Möhlmann, 2015)
<i>Sharing economy: A review and agenda for future research</i>	Revisão sistemática de 66 publicações sobre compartilhamento de economia, sendo dez relacionados ao turismo e hospitalidade. O autor conclui três amplas áreas de foco de economia compartilhada: modelos de negócios, natureza e sustentabilidade; e especificamente sobre hospitalidade verifica-se: impactos nos destinos e serviços de turismo e nos turistas Cinco fluxos de pesquisa foram identificados: movimento de vida e social, consumo, compartilhamento, confiança e inovação.	(Cheng, 2016)
<i>The sharing economy: Why people participate in collaborative consumption</i>	A tecnologia como caminho para o desenvolvimento do compartilhamento, principalmente com enfoque a problemas sociais e de meio ambiente. Estuda-se o comportamento dos usuários nas ações alugar, emprestar, troca, doação e compra; possibilitando concluir que não há interligação direta das ações de sustentabilidade.	(Hamari et al., 2016)
<i>Alternative marketplaces in the 21st century: Building community through sharing events</i>	Estuda o senso de comunidade nas ações de troca e reciprocidade em um enfoque sem transações monetárias.	(Albinsson & Perera, 2012)
<i>Community structure and collaborative consumption - routine activity approach</i>	Primeiro estudo a referenciar a palavra “consumo colaborativo”. Os autores, por meio de entrevistas com famílias, discutem a questão da posse e do consumo em relação à ocupação.	(Felson & Spaeth, 1978)
<i>Impacts of Peer-to-Peer Accommodation Use on Travel Patterns</i>	A economia compartilhada como sistema socioeconômico permite: criação, produção, distribuição e consumo de bens e recursos entre indivíduos, possibilitando o acesso a recursos ociosos e o relacionamento de conexões sociais.	(Tussyadiah & Pesonen, 2016)
<i>Factors of satisfaction and intention to use peer-to-peer accommodation</i>	Discussão das considerações do envolvimento de trocas monetárias (Belk, 2014) ou não (Albinsson; Perera, 2012). O artigo enfoca nos fatores que influenciam a satisfação dos hóspedes em uma acomodação ponto a ponto (P2P) como decisiva para novas viagens e indução a novos hospedes.	(Tussyadiah, 2016)
<i>Sharing for people, planet or profit? Analysing motivations for intended sharing economy participation</i>	A economia compartilhada e o acesso a bens subutilizados têm influência direta das motivações individuais, sendo uma dela a questão monetária.	(Böcker & Meelen, 2017)

<i>Promises and paradoxes of the sharing economy: An organizing framework</i>	Uma reanálise do conceito de economia compartilhada, por meio de três núcleos fundamentais: economia de acesso, economia de plataforma e economia baseada na comunidade, permitindo organizar as iniciativas dessa nova economia.	(Acquier et al., 2017)
<i>Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy</i>	Discute a presença de distinção pessoal a classes dos usuários e envolvidos no processo de compartilhamento. A autora estuda quatro sites para a análise da série, identificando a troca de alimentos o setor mais esnobe e desanimador.	(Schor et al., 2016)
<i>When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: Unravelling the controversies</i>	O artigo demonstra a intenção de esclarecimento acadêmico dos conceitos anteriores e questiona a definição em relação ao poder, enquanto posse ou político ou a compatibilidade entre as expectativas sociais estabelecidas em torno de seus impactos sociais. Ressalta ainda, a necessidade de abordagem de assuntos como: mercados, governos, trabalhadores, consumidores e meio ambiente	(Murillo, Buckland, & Val, 2017)
<i>Capturing the dynamics of the sharing economy: Institutional research on the plural forms and practices of sharing economy organizations</i>	O questionamento do desenvolvimento prático da economia compartilhada e a necessidade de reformulação teórica. O artigo também indica a criação de uma agenda de pesquisa como evolução aos sistemas econômicos.	(Mair & Reischauer, 2017)
<i>Do we need rules for "what's mine is yours"? Governance in collaborative consumption communities</i>	A economia disruptiva torna-se um problema de regulamentação entre as comunidades, que acessam o bem sem o maior custo e a responsabilidade que é a propriedade. Inicia-se a discussão de confiança dos usuários e fornecedores.	(Hartl, Hofmann, & Kirchler, 2016)
<i>The limits of trust-free systems: A literature review on blockchain technology and trust in the sharing economy</i>	O artigo discute a possibilidade das tecnologias de economia compartilhada já inseridas em <i>blockchain</i> , discutindo confiabilidade e segurança, principalmente quando se envolve interações financeiras.	(Hawlitcshek, Notheisen, & Teubner, 2018)
<i>Sharing Economy in Travel and Tourism: The Case of Home-Swapping in Italy</i>	O aprofundamento empírico sobre a troca de casa na Itália possibilita a análise dos perfis socioeconômicos, motivações e estilos de vida, trazendo aos envolvidos: confiança, mente aberta, entusiasmo e flexibilidade.	(Forno & Garibaldi, 2015)
<i>Inside the sharing economy Understanding consumer motivations behind the adoption of mobile applications</i>	A decisão do compartilhamento de viagens está interligada à presença da tecnologia como meio de auxílio as iniciativas empresariais e os critérios da economia proposto.	(Zhu, So, & Hudson, 2017)
<i>Living like a local: Authentic tourism experiences and the sharing economy</i>	Estudo empírico do turismo, enquanto hospitalidade. Os autores sugerem que a vinculação das percepções dos clientes sobre estadias em acomodações P2P pode agregar valor às suas experiências gerais com destinos turísticos e suas percepções mais amplas quanto à autenticidade dos lugares visitados.	(Paulauskaite, Powell, Coca-Stefaniak, & Morrison, 2017)

Fonte: Autoria Própria.

Por meio da análise aprofundada do quadro 01 é possível verificar o crescimento contínuo do campo, e mesmo nas publicações dos últimos 5 anos tem sido identificadas novas lacunas de pesquisa, assim como a necessidade de mais pesquisas de caráter teórico ou empírico. Ou seja, parece que tal crescimento deve se ampliar nos próximos anos.

Destaca-se que embora os artigos tragam aprofundamento a questões distintas para desenvolvimento do campo, por outro lado, eles buscam, em suas etapas iniciais da obra, a elaboração de uma revisão sistemática dos conceitos e descobertas iniciais sobre o assunto.

Outro ponto semelhante entre as publicações é a abordagem e preocupação com a sociedade e comunidade envolvida em todo o fluxo de compartilhamento.

Assim, os artigos do *main path* permitem não apenas as primeiras impressões do enfoque /economia compartilhada/consumo colaborativo, mas o esforço na compreensão dos impactos positivos e negativos envolvidos no intercâmbio de bens e serviços, assim como o entendimento da necessidade da compreensão do estado da arte, por meio de uma análise bibliométrica, como oportunidade para uma visão geral e integrado desse campo de pesquisa.

4.2. Análise Bibliométrica

A análise das palavras mais vinculadas nos títulos dos 1.313 artigos, nota-se que o termo *sharing* é vinculado 606 vezes, enquanto o termo *economy* ocorre 523 vezes. Em terceiro lugar, tem-se a iniciativa empresarial considerada pioneira na economia compartilhada, o Airbnb, que possui uma representatividade de 156 vezes, conforme figura 03. A mesma vinculação ocorre nas palavras-chave elencadas pelos autores, sendo mais uma vez o termo *sharing economy* o mais frequente de utilização, com 670 vezes.

A mesma repetição de palavras ocorre nos resumos dos artigos analisados: *sharing* (2651); *economy* (1901); *study* (1020); *airbnb* (813); *paper* (731) e *social* (700).

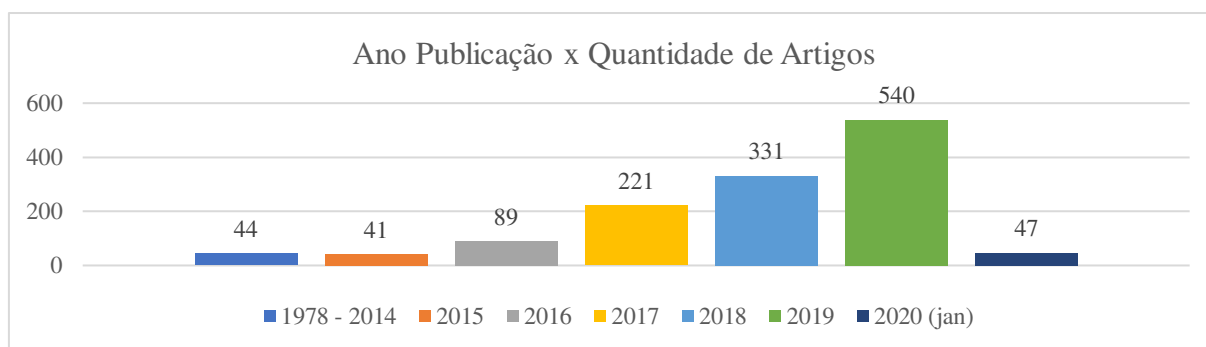
Figura 03 - Representação dos termos mais comuns nos títulos dos artigos



Fonte: Autoria Própria.

Sobre as publicações mundiais, de 2015 a 2019 registram-se a publicação em 1.222 documentos, gráfico 01, na língua inglesa. O destaque da presente descoberta é o ano de 2020 que, com os dados extraídos no mês de janeiro já indica 47 publicações, representando mais do que o acumulado de 1978 a 2014.

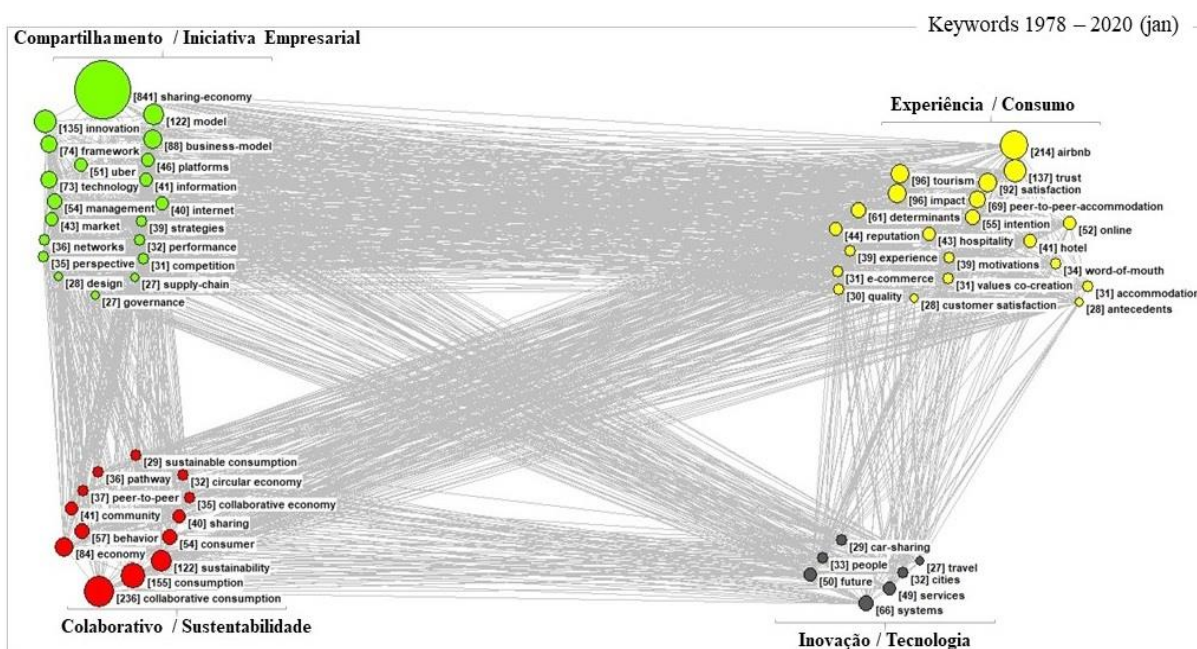
Gráfico 01 - Representação de artigos publicados por ano



Fonte: Autoria Própria.

A clusterização (agrupamento) é uma técnica utilizada por meio dos *softwares* Vosviewer e Pajek e representada pela figura 04, a qual possibilita a junção de todas as 4.641 palavras-chave durante os 42 anos pesquisados, os quais são marcadas pelo direcionamento em quatro tópicos de 61 palavras com a aparição mínima de 27 vezes em todo o banco de dados avaliado, dividindo-se em: compartilhamento/iniciativa empresarial (cor verde), colaborativo/sustentabilidade (cor vermelha), inovação/tecnologia (cor cinza) e experiência/consumo (cor amarela). A análise possibilita identificar tendências de interligação e pesquisas futuras.

Figura 04 - Palavras-chave: uma visão geral dos 42 anos.



Fonte: Autoria Própria.

Em que pese o ano de 2020 tenha como análise apenas o mês de janeiro, a existência de 371 palavras-chave, pode-se inferir que haverá um volume considerável de artigos neste ano. Mais uma vez, o destaque é determinado pela centralização do termo economia compartilhada, em particular as análises sobre os impactos e modelos de negócios; a sustentabilidade, que também possui a menção de modelo, adota um direcionamento às questões de formas/modelos de consumo; a experiência é marcada pela tendência ao modelo de negócios mundial de hospitalidade em suas determinantes para a adesão.

Ainda que a influência de Felson e Spaeth (1978) seja apontada como pioneira na análise dos dados, o campo realmente inicia sua expansão à partir dos anos 2010 em várias áreas do conhecimento, dessa forma, o quadro 02 identifica os cinco autores mais citados em relação aos termos da busca, no enfoque de economia compartilhada/consumo colaborativo, sendo possível concluir o interesse da sociedade acadêmica para a discussão e aprimoramento do tema, como pode ser observado nas publicações recentes.

Cabe destacar o interesse sobre o assunto nas publicações que possuem como *journal* áreas como marketing e comportamento da sociedade; turismo; bem como ecologia/sustentabilidade. Ressalta-se, adicionalmente ainda, o impacto das revistas referenciadas que de acordo com o indicador Scopus, detêm uma quantidade significativa de citações de suas publicações. Assim, para Thomaz, Assad e Moreira (2011, p.3) “quanto maior o número de artigos de grande interesse publicado pelo pesquisador, maior será o número de citações

alcançadas, e maior será seu índice H, refletindo a qualidade acadêmico-científica do pesquisador e sua capacidade produtiva”.

É possível identificar, ademais, que os artigos objetivam sobretudo a compreensão do campo dessa nova economia. Belk (2014) e Hamari, Sjöklint e Ukkonen (2016) destacam-se na quantidade de citações, demonstrando que a economia compartilhada (também chamada/ consumo colaborativo) é marcada pelo uso temporário de bens e serviços em ações como: alugar, emprestar, trocar, doar e comprar. Ambos os autores defendem a presença da tecnologia como principal meio utilizado para o intercâmbio material.

Quadro 02 – Os cinco autores mais citados por meio do *Web of Science*

Título	Citações	Journal	H Index	Autores
<i>You are what you can access: Sharing and collaborative consumption on-line</i>	648	<i>Journal of business research</i>	H Index 158	(Belk, 2014)
<i>The sharing economy: Why people participate in collaborative consumption</i>	508	<i>Journal of the association for information science and technology</i>	H Index 124	(Hamari et al., 2016)
<i>The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism?</i>	268	<i>Ecological economics</i>	H Index 174	(Martin, 2016)
<i>The Rise of the Sharing Economy: Estimating the Impact of Airbnb on the Hotel Industry</i>	257	<i>Journal of marketing research</i>	H Index 147	(Zervas, Proserpio, & Byers, 2017)
<i>Trust and reputation in the sharing economy: The role of personal photos in Airbnb</i>	250	<i>Tourism management</i>	H Index 159	(Ert, Fleischer, & Magen, 2016)

Fonte: Aatoria Própria.

Em uma nova visão, o diagrama de Sankey refere-se à uma análise ao fluxo de grandes quantidades de informações, em um esforço de compreensão de suas interligações. Cabe destacar que essa forma de diagramação foi desenvolvida há mais de 100 anos pelo irlandês Riall Sankey para análise na época da eficiência térmica de motores a vapor (Schmidt, 2008).

A figura 05 é uma representação por três colunas, sendo elas: países, *journals* com a maior quantidade de publicações e palavras-chave incluída pelas revistas quando das publicações, confirma a influência basilar de Belk (2014) e Hamari, Sjöklint e Ukkonen (2016) nos estudos sobre a economia compartilhada e de consumo colaborativo, inclusive como principais disseminadores do conhecimento a novos autores.

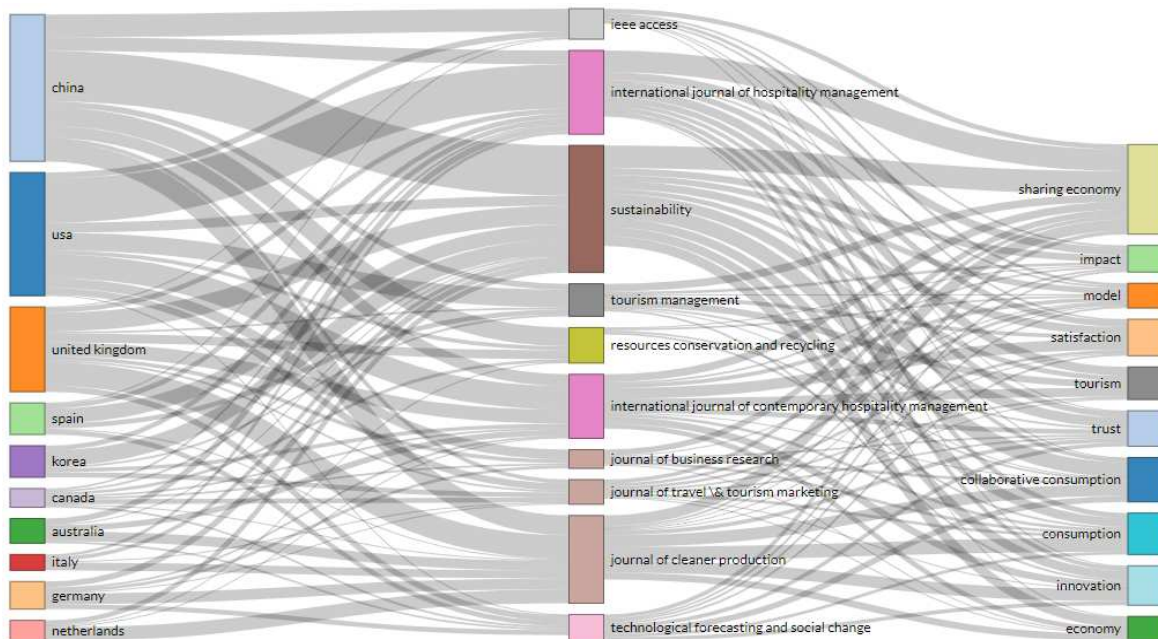
A prevalência a palavra-chave *sharing economy* e discussões relacionadas a compreensão da iniciativa empresarial de acomodações Airbnb e *peer-to-peer accommodation*, bem como o provável início as discussões de outras iniciativas empresariais são mais frequentes no Estados Unidos da América, não sendo esse tão focado na Itália. O enfoque em publicações de sustentabilidade e meio ambiente é mais comum na China e pelo Reino Unido com uma incidência maior por meio das revistas *Sustainability* e *Cleaner Production*. Esse último *journal* também detém o maior número de publicações do Reino Unido, Austrália, Itália, Alemanha e Holanda.

A figura 05 permite adicionalmente, a compreensão das nações influentes para os periódicos mais presentes no estudo da economia compartilhada ou/ consumo colaborativo, podendo ser utilizada, inclusive, como entendimento das lacunas de publicações e divulgação do campo. A frequência, em estatística, é a que representa o número de vezes que um evento ocorre em determinado estudo. Cabe observar que Estados Unidos da América, China, Reino

Unido e Alemanha representam 48,95%, juntos, sendo, portanto, as nações de maior concentração de documentos publicados mundialmente.

A palavra *sharing economy* possui uma concentração de estudos originados dos Estados Unidos da América que se destaca no aprofundamento e o pioneirismo no presente tema. Países como a China e o Reino Unido posicionam-se em segundo e terceiro lugar, respectivamente, no interesse por essa nova economia em ascensão. Já a palavra *collaborative consumption* embora apareça em uma proporção menor que economia compartilhada, apresenta-se em todos os países.

Figura 05 - Representação de três campos, sobre a influência dos países, *journals* e palavras-chave adicionais



Fonte: Autoria Própria.

A multiplicidade de sinônimos para economia compartilhada descrita por autores como Ertz e Leblanc-Proulx (2018) indicam termos e conceitos, tais como: consumo baseado em acesso centrado na temporalidade de bens ou serviços; economia app, gig economia ou ainda, economia de plataforma. Para Botsman e Rogers (2011) a economia da partilha ou compartilhada também é conhecida como consumo colaborativo ou economia colaborativa.

Desta forma, essa análise bibliométrica foi essencial para uma melhor compreensão do *status quo* do campo, possibilitando discussões principiológicas como: a influência do desenvolvimento sustentável no consumo e no ciclo de vida de produtos, as inovações tecnológicas (principalmente o *smarthphone* como meio de utilização das plataformas e aplicativos) e o compartilhamento ponta a ponta, *P2P peer-to-peer*, que permite o envolvimento de pessoas entre si ou a presença de intermediários, em alguns casos.

5. CONCLUSÃO

Em uma análise bibliométrica de 1.313 artigos originados do *Web of Science*, foi possível verificar uma prevalência das obras de economia compartilhada/consumo colaborativo originadas nos EUA, ainda que a evolução das publicações chinesas já ganhe respaldos internacionais. Em relação às publicações, cabe o destaque que 1.022 documentos se encontram

publicados no período de 2015 a 2019 e que apenas em janeiro de 2020 já existiam a publicação de 47 artigos ou revisões.

A trilha do caminho (*Main Path*) formada pelo estudo das redes de citações indica as principais obras para compreensão da evolução científica. Já a coocorrências de palavras-chave ao longo dos 42 anos, foi possível visualizar a evolução das publicações e dos interesses de estudo, identificando-se uma maior concentração nas palavras economia compartilhada e consumo colaborativo; o *Airbnb* representando a iniciativa empresarial que atualmente possui mais concretude e sucesso, e o início da preocupação dos estudos na forma de acreditar nesse modelo, nessa nova economia, com a ‘confiança’ dos usuários e das empresas no nascimento das principais relações humanas, nem sempre em prol do lucro.

Assim, o presente estudo teve como objetivo contribuir com a temática de economia compartilhada e consumo colaborativo possibilitando aos pesquisadores a identificação das características e influências autorais no desenvolvimento do campo. Em que pese o número elevado de artigos e revisões analisados do *Web of Science*, estudos futuros permitem a inserção de novas bases de dados, reduzindo a fragilidade desta pesquisa.

Como agenda de estudos futuros, pode-se avaliar o aprofundamento de pesquisas de outras iniciativas empresariais, que não sejam focadas em modelos já consagrados, a exemplo do *Airbnb* e *Uber*. A análise do *Main Path* possibilita, por meio dos seis *clusters*, um conjunto de temas para pesquisas futuras, além da compreensão evolutiva e conceitual da economia compartilhada e consumo colaborativo. Nesse sentido, no *cluster* de teoria comportamental/senso de consumo novas pesquisas sugerem-se abordar a compreensão do indivíduo na decisão de compartilhar os seus itens pessoais e integrar essa nova economia, sejam eles por decisões sustentáveis, sociais ou psicológicas.

Questões interligadas as iniciativas empresariais permitirão uma melhor compreensão dos motivos pelos quais são criadas nessa forma econômica, e em especial como devem ser enquadradas as legislações existentes nos países, bem como seu impacto de maneira global ao comportamento da sociedade.

Outra oportunidade de pesquisa futura empresarial está relacionada ao impacto da teoria da confiança tecnologia, ou seja, como a compreensão de inovações como *blockchain*, internet das coisas e inteligência artificial, permitirão compreender o real significado de uma transação *peer-to-peer* que é considerada pilar desse modelo econômico. Estudos empíricos sobre o campo permitirão novas abordagens e conseqüentemente o avanço da conceitual de uma temática recente, porém, em expansão mundial, inclusive com a discussão se os conceitos economia compartilhada e consumo colaborativo são distintos ou se apresentam como convergentes no que se refere à preocupação com o consumo exagerado e o desperdício de bens, algo que indica a relevância do tema em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- Acquier, A., Daudigeos, T., & Pinkse, J. (2017). Promises and paradoxes of the sharing economy: An organizing framework. *Technological Forecasting and Social Change*, 125, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.07.006>
- Albinsson, P. A., & Perera, Y. B. (2012). Alternative marketplaces in the 21st century: Building community through sharing events. *Journal of Consumer Behaviour*, 11(4), 303–315. <https://doi.org/10.1002/cb.1389>
- Aria, M., & Cuccurullo, C. (2017). bibliometrix: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. *Journal of Informetrics*, 11(4), 959-975
- Belk, R. (2010). Sharing. *Journal of Consumer Research*, 36(5), 715–734. <https://doi.org/10.1086/612649>
- Belk, R. (2014). You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online.

- Journal of Business Research*, 67(8), 1595–1600.
<https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2013.10.001>
- Böcker, L., & Meelen, T. (2017). Sharing for people, planet or profit? Analysing motivations for intended sharing economy participation. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 23, 28–39. <https://doi.org/10.1016/j.eist.2016.09.004>
- Botsman, R., & Rogers, R. (2011). O que é meu é seu: Como o consumo coletivo está mudando o nosso mundo. *Bookman*
- Cheng, M. (2016). Sharing economy: A review and agenda for future research. *International Journal of Hospitality Management*, 57, 60–70.
<https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2016.06.003>
- Cohen, B., & Muñoz, P. (2016). Sharing cities and sustainable consumption and production: towards an integrated framework. *Journal of Cleaner Production*, 134, 87–97.
<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.07.133>
- Davidson, A., Habibi, M. R., & Laroche, M. (2018). Materialism and the sharing economy: A cross-cultural study of American and Indian consumers. *Journal of Business Research*, 82(July 2015), 364–372. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.07.045>
- Ert, E., Fleischer, A., & Magen, N. (2016). Trust and reputation in the sharing economy: The role of personal photos in Airbnb. *Tourism Management*, 55, 62–73.
<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.01.013>
- Ertz, M., & Leblanc-Proulx, S. (2018). Sustainability in the collaborative economy: A bibliometric analysis reveals emerging interest. *Journal of Cleaner Production*, 196, 1073–1085.
- Fehrer, J. A., Benoit, S., Aksoy, L., Baker, T. L., Bell, S. J., Brodie, R. J., & Marimuthu, M. (2018). Future scenarios of the collaborative economy. *Journal of Service Management*, 29(5), 859–882. <https://doi.org/10.1108/JOSM-04-2018-0118>
- Felson, M., & Spaeth, J. L. (1978). Community Structure and Collaborative Consumption: A Routine Activity Approach. *American Behavioral Scientist*, 21(4), 614–624.
<https://doi.org/10.1177/000276427802100411>
- Forno, F., & Garibaldi, R. (2015). Sharing Economy in Travel and Tourism: The Case of Home-Swapping in Italy. *Journal of Quality Assurance in Hospitality and Tourism*, 16(2), 202–220. <https://doi.org/10.1080/1528008X.2015.1013409>
- Francisco, E. de R. (2011). RAE-eletrônica: EXPLORAÇÃO DO ACERVO À LUZ DA BIBLIOMETRIA, GEOANÁLISE E REDES SOCIAIS. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 51 n° 3(0034–7590), 280–306. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155119144007>
- Frenken, K., & Schor, J. (2017). Putting the sharing economy into perspective. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 23, 3–10. <https://doi.org/10.1016/j.eist.2017.01.003>
- Habibi, M. R., Davidson, A., & Laroche, M. (2017). What managers should know about the sharing economy. *Business Horizons*, 60(1), 113–121.
<https://doi.org/10.1016/j.bushor.2016.09.007>
- Hamari, J., Sjöklint, M., & Ukkonen, A. (2016). The sharing economy: Why people participate in collaborative consumption. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 67(9), 2047–2059. <https://doi.org/10.1002/asi.23552>
- Hartl, B., Hofmann, E., & Kirchler, E. (2016). Do we need rules for “what’s mine is yours”? Governance in collaborative consumption communities. *Journal of Business Research*, 69(8), 2756–2763. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2015.11.011>
- Hawlicschek, F., Notheisen, B., & Teubner, T. (2018). The limits of trust-free systems: A literature review on blockchain technology and trust in the sharing economy. *Electronic Commerce Research and Applications*, 29(may-june), 50–63.
<https://doi.org/10.1016/j.elerap.2018.03.005>

- Heinrichs, H. (2013). Sharing Economy: A Potential New Pathway to Sustainability, 228–231. Recuperado de www.oekom.de/gaia
- Gansky, L. (2010). *The mesh: Why the future of business is sharing*. Penguin
- Jiang, B., & Tian, L. (2016). Collaborative Consumption: Strategic and Economic Implications of Product Sharing. *Ssrn*, (November). <https://doi.org/10.2139/ssrn.2561907>
- Kim, K., Baek, C., & Lee, J. D. (2018). Creative destruction of the sharing economy in action: The case of Uber. *Transportation Research Part A: Policy and Practice*, 110, 118–127. <https://doi.org/10.1016/j.tra.2018.01.014>
- Lessig, L. (2008). *Remix: Making art and commerce thrive in the hybrid economy*. Penguin
- Liu, J. S., & Lu, L. Y. Y. (2012). An integrated approach for main path analysis: Development of the Hirsch index as an example. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 63(3), 528–542. <https://doi.org/10.1002/asi.21692>
- Liu, J. S., Lu, L. Y. Y., & Ho, M. H. C. (2019). A few notes on main path analysis. *Scientometrics*, 119(1), 379–391. <https://doi.org/10.1007/s11192-019-03034-x>
- Mair, J., & Reischauer, G. (2017). Capturing the dynamics of the sharing economy: Institutional research on the plural forms and practices of sharing economy organizations. *Technological Forecasting and Social Change*, 125, 11–20. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.05.023>
- Martin, C. J. (2016). The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? *Ecological Economics*, 121, 149–159. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2015.11.027>
- Möhlmann, M. (2015). Collaborative consumption: Determinants of satisfaction and the likelihood of using a sharing economy option again. *Journal of Consumer Behaviour*, 14(3), 193–207. <https://doi.org/10.1002/cb.1512>
- Motta, A. M., & Iizuka, E. S. (2018). Análise da Produção do Journal of Marketing de 2014 A 2016. *Revista Brasileira de Marketing*, 17(4), 575–589. <https://doi.org/10.5585/remark.v17i4.3894>
- Murillo, D., Buckland, H., & Val, E. (2017). When the sharing economy becomes neoliberalism on steroids: Unravelling the controversies. *Technological Forecasting and Social Change*, 125(June), 66–76. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.05.024>
- Nooy, W., Mrvar, A., & Batagelj, V. (2018). *Exploratory Social Network Analysis with Pajek*. Cambridge University Press (Vol. 1). <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Owyang, J., & Samuel, A. (2015). The new rules of the collaborative economy. Vision Critical, https://www.visioncritical.com/wp-content/uploads/2015/10/Collaborative_Economy_Report.pdf
- Parente, R. C., Geleilate, J. M. G., & Rong, K. (2018). The Sharing Economy Globalization Phenomenon: A Research Agenda. *Journal of International Management*, 24(1), 52–64. <https://doi.org/10.1016/j.intman.2017.10.001>
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods: Integrating theory and practice*. Sage publications
- Paulauskaite, D., Powell, R., Coca-Stefaniak, J. A., & Morrison, A. M. (2017). Living like a local: Authentic tourism experiences and the sharing economy. *International Journal of Tourism Research*, 19(6), 619–628. <https://doi.org/10.1002/jtr.2134>
- Schor, J. (2014). Debating the sharing economy. Great transition initiative.(October 2014). <http://greattransition.org/publication/debating-the-sharing-economy>
- Schor, J. B., Fitzmaurice, C., Carfagna, L. B., Attwood-Charles, W., & Poteat, E. D. (2016). Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. *Poetics*, 54, 66-81
- Schmidt, M. (2008). The Sankey diagram in energy and material flow management: Part I: History. *Journal of Industrial Ecology*, 12(1), 82–94. <https://doi.org/10.1111/j.1530-9290.2008.00004.x>

- Shirado, H., Iosifidis, G., Tassioulas, L., & Christakis, N. A. (2019). Resource sharing in technologically defined social networks. *Nature Communications*, *10*(1). <https://doi.org/10.1038/s41467-019-08935-2>
- Silva, J. T. M., Ablanedo-Rosas, J. H., & Rossetto, D. E. (2019). A longitudinal literature network review of contributions made to the academy over the past 55 years of the IJPR. *International Journal of Production Research*, *57*(15–16), 4627–4653. <https://doi.org/10.1080/00207543.2018.1484953>
- Thomaz, P. G., Assad, R. S., & Moreira, L. F. P. (2011). Uso do Fator de impacto e do índice H para avaliar pesquisadores e publicações. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, *96*(2), 90–93. <https://doi.org/10.1590/s0066-782x2011000200001>
- Tussyadiah, I. P. (2016). Factors of satisfaction and intention to use peer-to-peer accommodation. *International Journal of Hospitality Management*, *55*, 70–80. <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2016.03.005>
- Tussyadiah, I. P., & Pesonen, J. (2016). Impacts of Peer-to-Peer Accommodation Use on Travel Patterns. *Journal of Travel Research*, *55*(8), 1022–1040. <https://doi.org/10.1177/0047287515608505>
- Zervas, G., Proserpio, D., & Byers, J. W. (2017). The rise of the sharing economy: Estimating the impact of airbnb on the hotel industry. *Journal of Marketing Research*, *54*(5), 687–705. <https://doi.org/10.1509/jmr.15.0204>
- Zhu, G., So, K. K. F., & Hudson, S. (2017). Inside the sharing economy: Understanding consumer motivations behind the adoption of mobile applications. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, *29*(9), 2218–2239. <https://doi.org/10.1108/IJCHM-09-2016-0496>